



<https://periodicos.ufop.br/virtualia-journal>

Editor responsável: Prof. Dr. Rodrigo Cid

**Alain Badiou de *Ser e Evento* à *Condições*
Pathos do fim e a reconfiguração da verdade com a
atualização do Matema**

Resumo: Este artigo pretende demonstrar como Badiou responde a um duplo problema da filosofia contemporânea: de um lado, o diagnóstico, formulado por correntes heideggerianas, marxistas e analíticas, segundo o qual a metafísica teria chegado ao seu esgotamento histórico; de outro a crise da filosofia que se segue a esse diagnóstico, marcada pela dúvida quanto à sua capacidade de produzir categorias universais e de pensar a verdade. Diante disso, Badiou encontra num retorno a Platão e na novidade matemática dos últimos séculos a reconstituição de uma ontologia capaz de reapresentar às características do ser e daquilo que aparece no mundo, ou seja, daquilo que é capaz de ser representado. O que se apresenta nessa representação é a característica fundamental do ser e de tudo o que há de aparecer: a multiplicidade. Contudo, a matemática não pode decidir por si só, não pode advir sem o sujeito sobre o que a apresentação inaugural do vazio faz advir, o evento. Ou seja, há de existir a verdade, pois dela sempre faz advir a novidade inaugural de cada condição da filosofia. Há a necessidade de apresentação da apresentação e, portanto, do ser. Mas também, e talvez mais importante do que isso, há a necessidade de restituir o sujeito fiel ao evento.

Palavras-chave: Badiou; Fim da filosofia; Ontologia; Matema

Abstract: This article aims to demonstrate how Badiou responds to a double problem in contemporary philosophy: on the one hand, the diagnosis, formulated by Heideggerian, Marxist, and analytic traditions, according to which metaphysics has reached its historical exhaustion; on the other hand, the crisis of philosophy that follows from this diagnosis, marked by doubts regarding its capacity to produce universal categories and to think truth. In response, Badiou finds, through a return to Plato and the mathematical innovations of recent centuries, the reconstitution of an ontology capable of re-presenting the characteristics of being and of that which appears in the world—that is, of that which can be represented. What is presented in this representation is the fundamental characteristic of being and of everything that can appear: multiplicity. Mathematics alone, however, cannot decide; nor can it account, without the subject, for what the inaugural presentation of the void brings forth:

the event. In other words, truth must exist, since it is always through truth that the inaugural novelty of each condition of philosophy emerges. There is a necessity for the presentation of presentation and, therefore, of being itself. But there is also, and perhaps even more importantly, the necessity of restoring the subject faithful to the event.

Keywords: Badiou; End of philosophy; Ontology; Mateme

Introdução

Alain Badiou (1937-), filósofo, pensador, ensaísta, crítico literário e matemático franco-marroquino, iniciou sua crítica metafilosófica, delineando uma robusta definição de filosofia, a partir dos anos 80. Após o lançamento de seu primeiro tratado (*Ser e o Evento*), Alain Badiou publicou em 1989 seu primeiro *Manifesto pela filosofia*, obra que tem como objetivo não só tecer um resumo das principais questões debatidas em *Ser e o Evento*, mas também o de apresentar um posicionamento sólido diante da anti-filosofia contemporânea. Nesse manifesto vê-se o delineamento de uma posição claramente metafilosófica, onde o pensador reinaugura sua definição de filosofia, indicando com isso as condições próprias da filosofia.

A partir disso o filósofo francês inicia seu primeiro *Manifesto pela filosofia* a partir de uma leitura combativa contra o pensamento predominantemente antifilosófico do séc. XX, posicionando-se diante de diversos pensadores que declararam o fim da filosofia. Essa crítica voraz de Badiou faz emergir uma concepção outra de filosofia. Tal apresentação mostrará como a reelaboração da filosofia é necessária ante o seu premeditado declínio no pensamento contemporâneo.

Para isso, compreendamos brevemente o que seria tal posicionamento antifilosófico para que a partir dele possamos edificar a definição de filosofia explicitada e defendida por Alain Badiou. Eis como se iniciar a feroz crítica aos filósofos contemporâneos e seus argumentos sobre certo fim da filosofia:

Pois o estranho é que, na sua maioria, eles dizem que a filosofia é impossível, que ela acabou, delegada a outra coisa que não ela mesma; Lacoue-Labarthe, por exemplo: “Não se deve mais estar em desejo de filosofia”. E, quase ao mesmo tempo, Lyotard: “A filosofia como arquitetura está em ruínas”. Mas será que podemos conceber uma filosofia que não seja de modo algum arquitetônica? Uma “escrita das ruínas”, uma “micrologia”, uma paciência do “graffiti” (metáforas, para Lyotard, do estilo de pensamento contemporâneo) estará ainda, para com a “filosofia”, em qualquer sentido que a tomemos, em alguma relação que não de simples homonímia? Também o seguinte: o maior de nossos mortos, Lacan, não era ele “anti-filósofo”? E como interpretar que Lyotard só possa evocar o destino da Presença no comentário dos pintores, que o último grande livro de Deleuze tenha por tema o cinema, que Lacoue-Labarthe (ou Gadamer na Alemanha) se devote à antecipação poética de Celan, ou que Derrida vá requerer Genet? (Badiou, 1991, p. 1-2)

A partir desse diagnóstico, impõe-se uma questão fundamental: por que o pensamento contemporâneo se vê constantemente atravessado por um pathos do fim? Como compreender a recorrência dos discursos que anunciam o esgotamento da metafísica, da filosofia ou mesmo da própria possibilidade do filosofar?

Para o pensador franco-marroquino isso se configura como um sintoma da filosofia contemporânea principalmente, desde Nietzsche. Pois, como anunciado, a filosofia “declarou, depois de Nietzsche, que o que havia começado com Platão entrava em seu crepúsculo, mas esta arrogante declaração encobria a impotência de continuar esse começo” (Badiou, 1991, p. 27). O anúncio do fim da filosofia não expressaria, portanto, uma conclusão efetiva de seu percurso histórico, mas a dificuldade contemporânea de sustentar e renovar sua tarefa

própria. É nesse sentido que Badiou identifica o surgimento de uma orientação anti-filosófica no interior da própria tradição filosófica.

Ademais, mostra-se também que há um processo de culpabilização filosófica diante dos horrores do séc. XX: “Pois é quando o orgulho vira carência perigosa que nossos filósofos, do axioma que imputa à filosofia a carga dos crimes do século, tiram as conclusões conjuntas do impasse da filosofia e do caráter impensável do crime”, (Badiou, 1991, p. 3). O *pathos* do fim, perpassa, portanto, tanto a moderna suspensão da verdade, quanto a um ataque a Platão, mas também se fundou a falsa modéstia filosófica e sua pretensa ideia de ser pensamento responsável pelas destruições causadas pela humanidade.

Diante disso, esse artigo propõe apreender tal diagnóstico principalmente no interior das obras que permeiam a teoria as condições e o primeiro tratado de Badiou: *Ser e Evento*, *Manifesto pela filosofia* e *Condições*. A partir disso, pretende-se indicar a proposta badiouana que indica a formalização do pensamento a partir de uma ontologia matemática que permite entrever a possibilidade irrestrita do novo e, portanto, do evento.

I. O prelúdio do anúncio do fim: as suturas contemporâneas da filosofia

Para retomar a definição da filosofia, Badiou indica que tal atividade tem como condição os discursos de verdade: da política, da ciência, da arte e do amor, e opera por meio desses discursos para efetuar a compossibilidade dessas mesmas verdades. Quando, então se suprime um desses discursos, ou condiciona-se a filosofia a somente uma delas, é o momento em que a potencialidade filosófica se deixa ser suturada.

A sutura ocorre quando uma ou mais, mas sempre excetuando alguma condição, é especialmente utilizada como discurso da filosofia, causa do bloqueio da circulação livre do pensamento filosófico, sendo necessário com isso a

subtração ou exclusão total de uma ou mais condições. Por isso, uma sutura é identificada por Badiou como uma “suspensão da filosofia” que “pode resultar do fato de que o livre jogo requisitado para que ela defina um regime de passagem, ou de circulação intelectual entre os procedimentos de verdade que a condicionam, se encontra restrito, ou bloqueado” (Badiou, 1991, p. 29).¹

A causa desse bloqueio, dessa suspensão da filosofia, é indicada como causas impostas pelo próprio tempo (das condições históricas de determinada época) que fizeram a filosofia entregar seu pensamento a um dos procedimentos: “o todo do pensamento a um procedimento genérico. A filosofia se efetua então no elemento de sua própria supressão em proveito desse procedimento” (Badiou, 1991, p. 29). É essa prioridade por um procedimento que é então chamado por Badiou de ‘Sutura’ (*Suture*). Badiou a especifica ainda mais no seguinte trecho do *Manifesto pela Filosofia*:

Chamarei de sutura esse tipo de situação. A filosofia é posta em suspensão de cada vez que se apresenta como suturada a uma de suas condições, e se proíbe por isso de edificar livremente um espaço *sui generis* onde as nomeações eventuais que indicam a novidade das quatro condições venham inscrever-se e afirmar, num exercício de pensamento que não se confunda com nenhuma delas, sua simultaneidade e,

¹ No interior do pensamento de Badiou o termo *suture* tem diversos significados a depender do campo trabalhado. A sutura que explicitamos aqui é especificamente a sutura da filosofia. Os outros significados de sutura aparecem do seguinte modo: 1. A sutura Ideológica, que indica o recorte subjetivo do sujeito em relação ao modo como ele percebe o mundo em seu entorno. Dado que o sujeito de Badiou nos anos da década de 60 estava também permeado por uma concepção lacaniana de sujeito, a sutura, nesse sentido, é: “an operation that serves to constitute the subject by installing it in a chain of signifiers. 'The concept of suture', therefore, 'is not a concept of the signifier in general, but rather the characteristic property of the signifying order wherein the subject comes to be barred - namely, ideology”. (FRASER, 2015, *v. suture*, p. 342. In: CORCORAN, 2015). 2. A sutura ontológica, em que a palavra sutura nomeia um tipo de retorno do ser a si mesmo. Fraser, indica que tal termo serve tanto para: “to name the empty umbilicus that links each situation to being by way of the void that haunts it”, quanto para “to christen being with the 'proper name' $\emptyset$, the mathematical sign of the empty set”. (FRASER, 2015, *v. suture*, p. 344. In: CORCORAN, 2015).

portanto, um certo estado configurável das verdades da época. (Badiou, 1991, p. 29)

Dada às questões de uma época, um ou outro procedimento passa a ter domínio sobre o discurso filosófico. Esse domínio, também identificado axialmente, indica qual o procedimento passa a ser referência sobre que tipo de discurso a filosofia pode mobilizar. A sutura pode aparecer na filosofia em si mesma, como dominante dos discursos de verdade. Sobre isso, tal como mostra Fraser: “Quando isso ocorre, a filosofia se torna [algo] como produtora de verdades (...). Quando isso leva lugar, a ameaça de desastre é grande”.² A primeira apresentação sobre as suturas da filosofia ocorridas através da história é referente àquelas denominadas no interior do pensamento moderno (Badiou, 1991, p. 14-15).

Aqui, verifica-se que a modernidade perpassa pela a sutura do matema na chamada idade clássica da modernidade, a sutura histórico-política sob os efeitos da Revolução Francesa, e a suturação do Poema (ou da arte), traçada entre Nietzsche e Heidegger. A partir do século XIX as suturas se tornam mais acentuadas e representativas como configurações de cada período do pensamento contemporâneo.

Das suturas dos séculos XIX e XX, considera-se principalmente o poder exercido pelo marxismo em seu materialismo dialético, a filosofia positivista e o pensamento de Heidegger. Em seu *Manifesto*, Badiou demarca esses três pensamentos que seriam de acordo com ele, os três senhores, mestres que dominam e condicionam a filosofia na Europa: “Servidora a Oeste da ciência, a Leste da política, a filosofia tentou, na Europa ocidental, servir pelo menos ao outro Mestre, o poema. A situação atual da filosofia é: Arlequim servidor de três senhores” (MF, p. 34). Sobre a ciência, Badiou se refere a filosofia positivista e a analítica. A respeito da política, ele se refere tanto a Hegel quanto a Marx e ao

² FRASER, 2015 *v. suture*, p. 346. In: CORCORAN, 2015. Tradução nossa.

marxismo do séc. XX, e, enfim, em relação ao poema, como vimos, tanto argumenta apresentando a era dos poetas, quanto o pensamento de Heidegger a ser considerado, principalmente, em sua essência militante.

Essa tríplice crítica é melhor desenvolvida em *Conditions* de 1992. Nesse livro, Badiou aprofunda em algumas questões de sua filosofia que foram somente brevemente apresentadas em *Ser e o evento* e no *Manifesto pela filosofia*. Tal é sua ideia sobre os três senhores da filosofia revistas em *Conditions*:

Os três complexos são a dialética materialista, a filosofia marxista stalinista, o pensamento de Heidegger em sua dimensão militante nacional-socialista, e a filosofia acadêmica americana desenvolvida a partir do positivismo lógico do Círculo de Viena.³

Vê-se que tal tríplice se sustenta como pilar histórico das suturas da filosofia contemporânea, mas mais do que isso, esses três complexos de pensamento sustentam e dão continuidade à ameaça direcionada à filosofia e que é mantida, desde a época de Platão, pelos sofistas.⁴ De acordo com Badiou, os sofistas são os ‘irmãos inimigos’ (*frère ennemi*) da filosofia, pois eles, continuamente, tecem as suturas da filosofia de acordo com seu tempo.

Badiou, irrompendo a famosa frase de Hegel⁵ sobre a história enquanto tribunal do mundo, argumenta sobre como a filosofia se tornou prisioneira de sua própria história: “A história da filosofia é hoje mais do que nunca o tribunal da filosofia, e este tribunal dita quase constantemente um veredito de pena capital: o veredito de fechamento ou da necessária desconstrução do passado e do presente metafísico”.⁶ A filosofia se torna, dessa forma, uma prisioneira do

³ Tradução nossa. (Badiou, 1992, p. 63).

⁴ Em *Conditions*, logo, se vê Badiou nomeando os Sofistas contemporâneos: “Les sophistes modernes sont ceux qui, à l’école du grand Wittgenstein, (...)” (Badiou, 1992, p. 61).

⁵ “L’histoire du monde est aussi le tribunal du monde” (Badiou, 1992, p. 58).

⁶ Tradução nossa. (Badiou, 1992, p. 58).

historicismo, algo que para Badiou não pode mais se sustentar. Sua tese é a de que “a filosofia deve romper, do interior de si mesma, com o historicismo”.⁷

A partir do principal representante dos sofistas modernos, pilar linguístico da antifilosofia, Wittgenstein, Badiou indica qual é a principal característica desses ‘irmãos inimigos’: “O sofista moderno tenta substituir a ideia de verdade pela ideia de regra. Esse é o sentido mais profundo da empreitada, aliás genial, de Wittgenstein. Wittgenstein é o nosso Górgias, e nós o respeitamos por isso”.⁸ Tamanho é o ataque à categoria de verdade feita pelos sofistas, antifilósofos e antiplatônicos, que Badiou acaba por esclarecer que esta é uma novidade na Europa, e que somente ela é a categoria central para toda a filosofia possível.

Assim, retornamos à tríade supramencionada. A contínua sutura da dialética materialista marxista, do pensamento Heideggeriano e do positivismo e analítica do Círculo de Viena são aquelas que se mantiveram ao menos até final do século passado como domínios suturantes da filosofia. Complexos de pensamento que também se direcionam enquanto antiplatônicos, reconfigurando, assim, o modo como Badiou lê os sofistas e a antifilosofia.

Enfim, percebe-se que toda a exposição em relação às suturas, indicaria também como a atividade filosófica é dependente de condições ideais para que ela possa ser desenvolvida. Portanto, o próprio tempo, a acolhida da filosofia por seus manipuladores é o que transforma a filosofia, como se a partir de si mesma, ela pudesse se ver numa imagem reduzida e deformada de sua própria capacidade. A filosofia precisa das condições de verdade, do espaço livre e fiel da interatividade dos quatro procedimentos.

⁷ Tradução nossa. (Badiou, 1992, p. 58).

⁸ Tradução nossa. (Badiou, 1992, p. 61).

II. O Matema e sua novidade Cantoriana

O matema (*mathème*) é a primeira condição mais desenvolvida por Alain Badiou. Pois, antes mesmo de seu primeiro Manifesto, Badiou já antecipa seu discurso operando as novidades do matema em seu primeiro grande tratado, *Ser e o Evento* (*L'Être et l'Événement*, 1988). Além disso, também em sua introdução metafilosófica e histórica ele afirma a condição filosófica do matema já no início de seu primeiro *Manifesto*, delineando ao mesmo tempo o criador da filosofia, Platão (Badiou, 1991, p. 8).

O matema se direciona à reconfiguração axiomática das verdades referentes aos eventos científicos e, por isso, também denominado como 'ciência', sendo procedimento de verdade. Badiou nomeia o matema como principal verdade de inovação dos eventos científicos.

Para Badiou o matema em sua última grande atualização eventual se encontra na formalização matemática da ontologia. Essa configuração, de acordo com ele, vai de Cantor a Paul Cohen (Badiou, 1991, p. 43). De Cantor se vê a teoria dos conjuntos que é capaz de organizar e fixar "orientações novas para o pensamento" (Badiou, 1996,12). Essa proposta lógica-matemática é a parte da filosofia analítica que como inovação, Badiou integrou a sua própria filosofia. Seria ela a responsável por termos uma ciência capaz de falar do *ser-enquanto-ser*, discurso deslocado da religião e das antigas metafísicas direcionando-se a uma formalização do pensamento.

A teoria dos conjuntos de Cantor, junto aos axiomas de Zermelo-Fraenkel e, ainda, a proposta matemática de Paul Cohen deram as formas matemáticas ao conceito de genericidade e são a tríade que direciona todo o projeto metaontológico de *Ser e Evento*. Badiou indica que é a teoria dos conjuntos que permite fundar "o paradoxo central da teoria do múltiplo e o articula pela primeira vez de maneira integralmente demonstrativa num conceito discernível do que seja uma multiplicidade indiscernível" (Badiou, 1996, p. 43-44). A

genericidade se torna a característica fundamental que permite pensar uma verdade simultaneamente imanente a uma situação e indiscernível pelos predicados do saber que a estruturam. Para Badiou, todas as categorias pensáveis são apresentadas de modo múltiplo. Seja o ser, o pensamento, o sujeito e as representações das coisas do mundo, tudo se configura através da figura múltipla. Os conjuntos, portanto, são capazes de apresentar essas multiplicidades num plano formal, indicando inicialmente, a diferença entre um múltiplo discernível do indiscernível, entre múltiplo puro inconsistente e o múltiplo consistente.

III. Metaontologia: apresentação da apresentação e a salvaguarda da verdade

Em *Ser e Evento*, ao levar em conta a questão da ontologia enquanto aquela que estuda o *ser-enquanto-ser*, Badiou argumenta a respeito do domínio heideggeriano sobre a ontologia contemporânea. Contra a leitura heideggeriana, ‘anti-platônica’, Badiou indica que a questão que envolve o *ser-enquanto-ser*, tal como ressaltado acima, diz respeito hoje ao campo das matemáticas, claro, com suas devidas proporções, como indica o próprio pensador francês (Badiou, 1996, p. 16): “A tese que sustento não declara em absoluto que o ser é matemático, isto é, composto de objetividades matemáticas. Não é uma tese sobre o mundo, mas sobre o discurso”.

Caberia então à filosofia atual responder sobre a questão d’o-*que-não-é-o-ser-enquanto-ser*. Essa é, de acordo com Badiou, uma das questões primordiais para a filosofia contemporânea:

Nosso intuito é estabelecer a tese metaontológica de que as matemáticas são a historicidade do discurso do *ser-enquanto-ser*. E o intuito desse intuito é remeter a filosofia para a articulação

pensável de dois discursos (e práticas) *que não são ela*: a matemática, ciência do ser, e as doutrinas intervenientes do evento, o qual, precisamente designa “o-que-não-é-o-ser-enquanto-ser”. (Badiou, 1996, p. 20)

Constata-se que somente a partir da elaboração da reflexão sobre o-*que-não-é-o-ser-enquanto-ser* que poderemos nos ater a uma metaontologia e, portanto, a uma filosofia que dê conta do evento. No entanto, para lidar com os problemas metaontológicos a filosofia deve utilizar da teoria dos conjuntos e de certos axiomas, se condicionando tanto pelo matema (a ciência), quanto por seus outros procedimentos de verdade, que permitem abrir “o pensamento para a captura subtrativa da verdade e do sujeito” (Badiou, 1996, p. 22).

Para iniciar tal estudo metaontológico, institui-se um discurso histórico e uma exegese filosófica sobre a ontologia como teoria do múltiplo. Logo em seguida, demonstra-se uma exegese da teoria dos conjuntos, que segundo o filósofo foi o campo no interior da disciplina matemática que foi capaz de formalizar os axiomas da ontologia, consolidando, assim, uma teoria do múltiplo. A favor da metaontologia como discurso filosófico Badiou admite:

Que a tese ontologia = matemáticas seja metaontológica exclui que ela seja matemática, isto é, ontológica. É preciso admitir aqui a estratificação do discurso. Os fragmentos matemáticos cujo uso a demonstração dessa tese prescreve são comandados por regras filosóficas, não pelas da atualidade matemática. No geral, trata-se daquela parte das matemáticas em que se enuncia historicamente que todo “objeto” é redutível a uma multiplicidade pura, ela mesma edificada sobre a inapresentação do vazio (a teoria dos conjuntos). (Badiou, 1996, p. 20)

Vê-se com isso, que para que uma ontologia seja possível é necessário que tal ontologia se faça por multiplicidades, sendo ela a ciência do múltiplo

enquanto múltiplo. Demonstração que foi possível graças à criação da teoria dos conjuntos de Cantor, que permitiu vislumbrar um sistema capaz de mostrar o Ser sem a necessidade do um, e, assim, acabar com a antinomia um-múltiplo, parte-todo.

Tal teoria estabeleceu um modo de representar o múltiplo consistente, ou seja, um conjunto com elementos finitos, além de conceber a in-apresentação do múltiplo inconsistente, cuja infinidade não o torna um, mas sim um “Ser” transfinito, não-matemático. Adianta-se assim que a metaontologia badiouana parte da capacidade apresentativa e representativa dos múltiplos no interior da teoria dos conjuntos.

Consequentemente, começamos a apreender a sistematicidade axiomática da teoria dos conjuntos que, de acordo com Badiou, direciona o pensamento a uma teoria sobre o múltiplo capaz de apresentar e representar a relação de um dado conjunto múltiplo com ‘elementos múltiplos’.

Contudo, para assegurar o ser enquanto múltiplo e a ontologia enquanto ciência do múltiplo, caberia então, perceber, logo de início, a não existência do Um. Algo que se segue de modo indutivo no início do primeiro grande tratado de Badiou. Pois se o Um é, então seu contrário, o múltiplo, não poderia ser, o que seria algo inconcebível. Dessa forma, vê-se que o Um é para Badiou um procedimento, o *contar-por-um* de uma apresentação de uma multiplicidade finita. Eis o horizonte da matemática e da lógica como abertura para se pensar aquilo que orientará o pensamento em direção a um método de apresentação referente ao sujeito, ao evento e, consequentemente, às verdades.

O fundamento desse discurso é platônico. Parte-se do diálogo *Parmênides* de Platão para argumentar a respeito da origem da questão que envolve a multiplicidade e, consequentemente, a questão do não-ser do Um. Mesmo que Platão indique o Um como tendo prioridade sobre os muitos, para Badiou, assim como indica Norris (2009, p. 50): “O que Platão claramente deseja manter, e afirma como tal, é a preeminência intrínseca e natural do um sobre os muitos, e,

portanto, a necessidade (não apenas a possibilidade) de reunir a multiplicidade pletórica em algum estado de união”.

Dessa forma, mesmo que o um tenha prioridade em relação aos ‘vários’ (assim como indica o termo grego *πολλὰ* utilizado por Platão), tal prioridade só poderia ser constatada a partir da análise última da multiplicidade sobre o um, o que demonstraria, já em último grau, a existência do múltiplo como apresentação, pois uma ‘situação’ [a estrutura apresentativa de um múltiplo existente] “é toda multiplicidade apresentada” (Badiou, 1996, p. 30) não sendo o Um aí a sua representação. O Um, dessa forma, é a operação que constata a existência de uma condição que estrutura uma situação, ou seja, o Um opera na identificação de ‘um’ múltiplo consistente apresentado/representado, que, dessa forma, se deixa contar, pois, “a *conta-por-um* não passa do sistema de condições através das quais o múltiplo se deixa reconhecer como múltiplo” (Badiou, 1996, p. 33).

Logo a questão que envolve os vários (*πολλὰ*) e a multiplicidade pura (*πλήθος*) enquanto apresentação do ser, indicariam de antemão, tanto sua relação ou não-relação com o operador ‘*conta-por-um*’ (que indica a existência de uma estrutura múltipla apresentada), quanto o não-ser do um. Pois tudo que é apresentado, ou é múltiplo ou múltiplo de vazio. Aqui, o próprio nome do ser, o vazio, indica um múltiplo que é in-apresentável. Assim percebemos o argumento platônico inicial que inaugura e assegura uma ontologia do múltiplo:

A conclusão aporética de Platão é interpretável como impasse do ser, no fio do par do múltiplo inconsistente e do múltiplo consistente. “Se o um não é, nada é” quer dizer também: é só pensando até o fim o não-ser do um que fazemos sobrevir o nome do vazio como única apresentação concebível do que, inapresentável, suporta, enquanto multiplicidade pura, toda apresentação plural, isto é, todo efeito de um.

O texto de Platão põe em causa, a partir do par aparente do um e dos outros, quatro conceitos: o um-ente, o há um, o múltiplo puro (πλήθος) e o múltiplo estruturado (πολλά). Se o nó destes conceitos permanece solto na aporia final, em que triunfa o vazio, é somente porque permanece impensável a distância, a propósito do um, entre a suposição de seu ser e a operação do seu “há”. (Badiou, 1996, p. 38)

Ademais, é com a subtração do múltiplo puro, ou seja, no ser, que pode se configurar uma nova estrutura, que então será tomado como um novo múltiplo consistente. Mas as verdades não estão no ser, pois: “Ela é uma criação complexa, histórica e singular, que se desenvolveu debaixo de certas condições (Badiou, 2019, p. 40).

Para aprofundar nisso e encontrar onde se poderia se situar as verdades e o evento, através de um discurso metaontológico, Badiou perpetra a história da teoria dos conjuntos para a resolução de um problema que anteriormente, fora tratado durante a história da filosofia como um problema do *ser-enquanto-ser* ou sobre o conceito neoplatônico ou cristão de Deus. Dado esse primeiro passo, o pensador francês adentra na teoria dos conjuntos; novidade cantoriana capaz de representar a multiplicidade enquanto múltiplo:

A teoria dos conjuntos afirma aqui, depurando mais uma vez o que ela efetua como apresentação da apresentação-múltipla, que a conta-por-um dos múltiplos é indiferente àquilo de que esses múltiplos são múltiplos, contando que seja assegurado que sejam apenas múltiplos. Em suma, o atributo “ser-um-múltiplo” é transcendente aos múltiplos particulares que são elementos do múltiplo dado. [...] (Badiou, 1996, p. 60)

Vê-se que o prestígio da teoria dos conjuntos recai sob sua invariância de apresentar somente múltiplos, considerando que todo existente pode ser

representado e os mesmos também, sendo formados por multiplicidades podendo ser, assim, apresentados. Dado o Axioma de Separação, Badiou assegura a capacidade de um múltiplo ser representado pela linguagem, indicando que a própria multiplicidade contém, dentre os elementos dos quais ele se faz múltiplo, um múltiplo com a propriedade que goza da linguagem. Pensando nisso, vejamos a seguir, de modo breve, os seguintes axiomas ZFC mais importantes nesta exposição:

1. **Axioma de Extensionalidade**⁹

$$\forall A \forall B (\forall x (x \in A \leftrightarrow x \in B) \rightarrow A = B)^{10}$$

Dois conjuntos são iguais se, e somente se, contém os mesmos elementos. Isso expressa o fundamento ontológico do “mesmo” e do “outro”, definindo a igualdade em termos de pertencimento.

2. **Axioma de Separação**

$$\forall A \exists B \forall x (x \in B \leftrightarrow (x \in A \wedge \varphi(x)))$$

De um conjunto dado, é possível formar outro conjunto contendo apenas os elementos que satisfazem uma propriedade explícita. Isso indica que a língua só separa o múltiplo já existente.

3. **Axioma de Substituição**

$$\forall A (\forall x \exists! y \varphi(x, y)) \rightarrow \exists B \forall y (y \in B \leftrightarrow \exists x (x \in A \wedge \varphi(x, y)))$$

Se existe um conjunto, também existe outro conjunto obtido ao substituir seus elementos por outros múltiplos existentes. Este axioma preserva a consistência do múltiplo, mesmo após alterações internas.

4. **Axioma do Vazio**

$$\exists A \forall x (x \notin A)$$

Existe um conjunto que não contém nenhum elemento, e ele é único, simbolizado por $\emptyset$.

Este axioma estabelece o ponto de partida ontológico do múltiplo puro.

5. **Axioma do Infinito**

$$\exists A (\emptyset \in A \wedge \forall x (x \in A \rightarrow x \cup \{x\} \in A))$$

⁹ A título de compreensão, essas são as fórmulas comumente escritas a partir dos símbolos da lógica clássica. Em Badiou temos então os conectivos lógicos: Conjunção ($\wedge$), que Representa o "e" lógico (ambas as proposições são verdadeiras); implicação ($\rightarrow$), representa o "se... então" lógico; e a Bicondicional ($\leftrightarrow$), que representa o "se e somente se" lógico. Os quantificadores lógicos Universal ($\forall$) e Existencial ($\exists$), e enfim os símbolos de pertença $\in$ e inclusão.

¹⁰ $\forall A \forall B (\forall x (x \in A \leftrightarrow x \in B) \rightarrow A = B)$ Como exemplo, explicita-se o modo adequado de ler esse axioma logicamente: Para todo múltiplo A e para todo múltiplo B apresentado, tal que um múltiplo x pertença tanto a A quanto a B, o que indica que A e B são idênticos ($A = B$), ou seja, possuem os mesmos múltiplos.

Existe um conjunto que contém um ordinal-limite, representando a ideia de infinito. Este axioma insere o conceito de número infinito como uma dimensão ontológica do ser.

6. **Axioma da Escolha**

$\forall A (\forall x (x \in A \rightarrow x = \emptyset)) \rightarrow \exists f$ (função $f:A \rightarrow UA \wedge \forall x (x \in A \rightarrow f(x) \in x)$)

Para qualquer conjunto, é possível formar outro conjunto contendo exatamente um representante de cada elemento não vazio do conjunto inicial. Este axioma formaliza a intervenção no múltiplo, embora sem prescrição explícita de como essa escolha deve ser feita.¹¹

Os axiomas, com isso, certificam que o pensamento possa induzir as seguintes capacidades dos conjuntos: poderem ser extensivos um de outro caso tenham os mesmos múltiplos, poderem ser constituídos a partir da substituição dos elementos de um conjunto inicial, (extensionalidade e substituição), concebendo ainda a existência dos seguintes conjuntos: o que possui todos os subconjuntos dos múltiplos de um conjunto inicial, o que une os elementos existentes de um conjunto inicial, e outro que os separe (Subconjuntos, União e separação), e indicando, enfim, o Vazio como nome do Ser.

Para isso Badiou apresenta então o axioma do Vazio que indica a existência de um conjunto que não possui nenhum elemento, o Vazio, sendo ele o nome mesmo do Ser: “É por ser o ponto do ser que o vazio é também esse quase-ser que povoa a situação em que o ser consiste. A insistência do vazio in-consiste como deslocalização” (Badiou, 1996, p. 69).

Com isso, Badiou mostra a importância das relações dadas por Zermelo e pelo sistema ZFC, que redefinem a linguagem axiomática, evitando que os antigos problemas dos paradoxos e das dificuldades da linguagem impeçam a teoria dos conjuntos ser, de fato, uma disciplina completa capaz de apresentar formalmente o pensamento sobre o múltiplo. O autor assegura, daí os axiomas anteriores, que nos permitem apresentar múltiplos já apresentados, denominando assim, uma ciência que consegue apresentar não só o ser, mas

¹¹ As explicações dos axiomas abaixo foram baseadas na formulação de Alain Badiou, reinterpretadas a partir de sua obra *Ser e o Evento*.

também uma situação, e os cortes eventuais na ordem do mundo. Disso, percebe-se as regras dadas pela ontologia para a possibilidade de uma apresentação e uma representação das multiplicidades.

Deve-se considerar, com isso, que a teoria dos conjuntos e os axiomas lógicos-matemáticos asseguram ao ontologista a verificação de dois tipos de múltiplos em diferentes estados. Há a multiplicidade pura, inconsistente que tem o vazio como seu nome e, que, além de se inapresentar como conjunto vazio, também é inapresentado em todos os outros conjuntos. Ademais, o que aparece como multiplicidade consistente, que é contado por um é algo que fora subtraído da multiplicidade inconsistente. Dado o vazio e a possibilidade de se originar qualquer múltiplo, vê-se um múltiplo com características limitadas e consistentes.

Para que possamos garantir a contagem por um de todos os múltiplos sem seu decaimento no vazio, Badiou mostra a necessidade de uma primeira apresentação, chamada também de situação ou estrutura, e de uma representação, também chamado de Estado ou metaestrutura. Essa metaestrutura deve rearranjar todos os múltiplos apresentados constatando sua inclusão. Se um múltiplo é pertencente a apresentação e também incluso ele deve aparecer novamente na metaestrutura.

Os múltiplos são apresentados no interior do conjunto como pontos e podem ser analisados na conta, verificando, assim, quais são os múltiplos que o compõem, que também são formados por outros múltiplos. Essa conta não recai no infinito nem em algum tipo de circularidade exatamente porque todo múltiplo possui um múltiplo mínimo em que não se deflagram múltiplos, esse múltiplo que pertence a todos os outros mas que nada pertence é o chamado por Badiou de sucessor limite. Nele somente o selo existencial, marca do vazio lhe pertence.¹²

¹² Isso permite a Badiou a demonstrar a infinitude dos números naturais “A partir do ponto de ser inicial $\emptyset$, construímos assim a seqüência de ordinais existentes (visto que $\emptyset$ existe): n vezes $\emptyset$, $S(\emptyset)$, $S(S(\emptyset))$,..., $S(S(...(S(\emptyset))...))$,...” (SE, p. 127). Primeiro se identifica que o Vazio ao se

Isso é o que Badiou analisará a partir do que ele denomina múltiplos naturais, ou seja, ordinais, múltiplos que são normais, que pertencem e estão inclusos à sua primeira apresentação. No entanto, o evento não aparece dessa forma na configuração apresentação-representação (situação-estado) e é a partir disso que vemos certo impasse da ontologia matemática para abordar a verdade genérica. Pois o evento quando aparece é um múltiplo singular, que pertence à situação primeira, mas não está incluso nela.

IV. O Evento e a fidelidade

O filósofo francês sabe que o fato de que há verdades não pode ser demonstrado pelo múltiplo-puro, mas somente pela nomeação, que deve se originar a partir do evento: “a origem de uma verdade, não se situa naquilo que é, mas naquilo que ocorre [o acontecimento]” (Badiou, 2019, p. 41). Diante disso, vemos que em sua representação, o evento é supranumerário não sendo efetivamente apresentado no interior da analítica do múltiplo. O evento concerne a um ponto da situação, sendo o sítio desta aquilo que, como dito por Badiou: “designa o tipo local da multiplicidade “concernida” por um evento. É apenas porque o sítio existe na situação que há evento” (Badiou, 1996, p. 147). O sítio é uma condição de ser do evento.

Contudo no que diz a ciência do múltiplo e do ser o evento é não-ente pois se apresentaria como imanente a si. Ele só pode ser apresentado enquanto “advento ao visível do invisível” (Badiou, 1996, p. 149). O evento não pertence a situação ele se pertence a ela, sendo separado do vazio ele é Ultra-um, pois

representar aparece como seu singleto Situação da situação de $\emptyset$, algo que se desdobra ao infinito. Com isso, assim ele define o infinito: “Existe, conseqüentemente, um único ordinal ϵ -minimal para essa propriedade. Temos aí o menor dos ordinais limites, aquele “aquém” do qual não há, afora o vazio, senão ordinais sucessores. Este esquema ontológico é fundamental. Ele designa o limiar do infinito; ele é, desde os gregos, o múltiplo exemplar do pensamento matemático. Nós o chamaremos ω_0 (chamam-no também N , ou ainda alef-zero)” (Badiou, 1996 131). O infinito é, portanto, um múltiplo tal qual ω_0 .

somente ele garante que ele não se encontra também na borda do vazio, sendo o múltiplo que ele é. Por isso, o evento é identificado também a partir de uma dupla função: “Por um lado, o evento conotaria o vazio; por outro, ele se interporia entre o vazio e si mesmo. Ele seria ao mesmo tempo um nome do vazio e o ultram da estrutura apresentativa” (Badiou, 1996, p. 150).

Dada uma apresentação, existe um múltiplo singular que não é representado. Tal singularidade indica um múltiplo indecomponível, cujo suas multiplicidades que o tecem enquanto múltiplo não são apresentadas. Nesse contexto há um múltiplo cuja sua apresentação é vazia, no que concerne ao fato de que suas multiplicidades não são apresentadas e, por isso, tal múltiplo não pode ser arranjado na meta-estrutura, na situação ou na reapresentação. O evento está ‘entre’ a indecidibilidade de sua pertença à situação. Sua multiplicidade se encontra na borda do vazio, pois somente no vazio que se pode ver inapresentada suas multiplicidades. É na interioridade desse vazio que necessita de uma intervenção que se salvaguarda todo sítio eventual que é nomeado e articulado pelos sujeitos no mundo.

Há, portanto, a necessidade de uma intervenção e de fidelidade. Como vimos, o procedimento no qual um múltiplo é reconhecido como evento é chamado de intervenção. E tal intervenção se desloca para a necessidade da escolha. A escolha de intervenção está no ato de nomear o não-ser do evento, já que “a indecidibilidade é um atributo racional do evento,” (SE, p. 162) mas dependente do sujeito que escolhe e analisa suas multiplicidades. Disto, adentramos as questões que envolvem o imperativo da demonstração no interior da análise genérica operada pelo sujeito. Inicialmente vemos como a dedução lógica em Badiou, é um imperativo que conduz o pensamento à demonstração do evento.

Esse processo não ocorre dentro das fronteiras da ontologia, mas a partir de um engajamento com o discurso sobre o ser, que é exterior ao ser em si. A matemática, enquanto linguagem privilegiada da ontologia, fornece as regras

formais para essa intervenção, criando as bases para a decidibilidade do evento, que está além da pura demonstração ontológica.

A partir disso, vê-se a fidelidade ontológica que, conforme descrita por Badiou, é exterior à ontologia porque não se refere diretamente aos elementos do ser, mas sim aos eventos que irrompem no discurso sobre o ser. Em outras palavras, ela lida com as consequências de eventos que não podem ser completamente absorvidos pela lógica ontológica tradicional, requerendo assim um compromisso dedutivo específico.

Conclusão

Em resposta ao *pathos* do fim, Badiou elabora uma metaontologia a partir de um *gesto platônico* que garante a representação daquilo que se apresenta: o múltiplo. A partir disso, vê-se assegurar as verdades e o procedimento genérico que não é apenas um método lógico, mas também um compromisso ético e filosófico com a verdade de um evento. A partir da dedução matemática, da fidelidade ontológica e do reconhecimento de sua exterioridade à ontologia, Badiou propõe um modo de pensar que responde à irrupção do novo, traçando um caminho que é ao mesmo tempo rigoroso e aberto à universalidade.

Aqui retornamos novamente à questão que envolve o saber e a verdade. De acordo com Badiou, o saber nomeia e determina as partes através do uso da língua. Tal saber possui como característica a enciclopédia, que é a representação de um saber a partir de suas partes. Vê-se daí a capacidade de julgamento, de discernimento e de saber enciclopédico (Badiou, 1996, p. 260). A verdade ocasionada por um evento é, portanto, supranumerária e indiscernível. Por isso, as determinações linguísticas e acabadas da ciência não estão na categoria da verdade, mas sim do saber. Nem a nomeação e nem a fidelidade podem se apoiar no saber (Badiou, 1996, p. 261).

Nesse sentido, indica-se a relação intrínseca entre fidelidade e militância). Tal militância que carrega o gesto minimal da fidelidade constitui um elemento essencial na articulação entre evento e verdade. Esse gesto, embora aparentemente simples, carrega uma densidade conceitual que o posiciona como o primeiro passo na construção de uma nova relação entre o sujeito e a verdade de um evento. A fidelidade, nesse contexto, pode ser entendida como o compromisso do sujeito em acompanhar as consequências de um evento, reconhecendo-o como um marco inaugural de sentido. Contudo, esse reconhecimento não é imediato nem arbitrário. Ele requer um movimento inicial de adesão ao evento, que se manifesta como o gesto minimal da fidelidade: o ato de declarar que algo aconteceu e merece ser investigado em suas implicações. Eis o ato que pode se dirigir à verdade: a da nomeação do evento e da fidelidade a ele. A verdade consiste nisso que apreendido do vazio circula os sujeitos históricos de modo inacabado e infinito.

Contudo, a partir desse gesto minimal, o procedimento de fidelidade adquire a aparência de um saber. Como afirma Badiou: “[...] É o que faz com que o procedimento de fidelidade se assemelhe a um saber” (Badiou, 1996, p. 262). Essa semelhança reside no caráter sistemático e dedutivo do procedimento de fidelidade, que organiza as consequências do evento de forma coerente e progressiva. Contudo, diferentemente do saber ontológico, que descreve o ser enquanto ser, a fidelidade opera em um nível diferente: ela busca dar conta do que emerge como novo, singular e irreconciliável com as categorias pré-existentes.

Bibliografia

_____. *Manifesto pela Filosofia*. Versão e nota por M. D. Magno. Angélica, psicanálise & cia, Rio de Janeiro, 1991.

- _____. *O Ser e o Evento*. Tradução por Maria Luiza X. de A. Borges. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.
- _____. *L'Être et L'Événement*. Éditions du seuil, Paris, 1988.
- _____. *Manifeste pour la philosophie*. Editions du Seuil, Paris, 1989.
- _____. *Conditions*. Editions du Seuil, Paris, 1992.
- _____. *Validações: Textos sobre ontologia, matemática e sistema (2003-2018)*. Norman Roland Madarasz (Org.). Editora Fundação Felix, Porto Alegre, 2019.
- CORCORAN, Steven. *The Badiou Dictionary*. Edinburgh University Press, 2015.
- NORRIS, Christopher. *Badiou's Being and Event – A Reader's Guide*. Continuum International, NY, 2009.